

ALFARRÁBIOS

Especial

Rosangela Ataíde

Primeira Edição
Utopia | 2023

Armazém de Quinquilharias e Utopias

©2023. Rosangela Ataíde

Todos os direitos reservados

Diagramação: Paulo de Carvalho

Revisão: Rosangela Ataíde

Arte da capa: Rosangela Ataíde

Arte final da capa: Paulo de Carvalho

Armazém de Quinquíharias e Utopias

Contato: 21 99561007

Email: quinquilhariaseutopias@gmail.com

Para onde você parte?

a esperança jaz na sacada
em hipnose noturna
de quem se sabe só,
sob as estrelas.
há um trilho vasto
que leva a lugar nenhum,
que trouxe na bagagem muitas histórias.
da sacada avista-se o trilho,
o trem que chega,
o trem que parte,
as batidas dos dormentes
contra as britas.
o estrondo que silencia
tudo que a noite cala.
o filtro dos sonhos parece trepidar
contra o vento,
despertando de qualquer ilusão,
ou delírio febril
aquele que dorme.
vagão por vagão,
partem todos...
e sobrevém o nada
do destino que não se sabe.
resta uma suave brisa
acariciando a face
de quem fica e,
dos rebeldes que partem
com os rostos para fora,
buscando um adeus
e acenando para o nada.

Além do Corpo - adequação

escrevo uma notas...
listas de mercado,
lembretes.
anoto tudo!

e este tudo me contém...
como coisas que consumo,
minhas marcas, meus asseios, meus anseios.
o necessário tem se tornado mais frequente nos últimos
tempos.

palavras soltas, jogadas, esquecidas
de como sinto (aqui cabe um parêntese), de como percebo,
de como me percebo!
às vezes as notas viram contos, às vezes poemas, às vezes
não viram nada e acabam na lixeira.

além de tudo há meus trajetos, toda rota que percorro eu
anoto, e se não... fica gravado no Google Maps e ainda sou
questionada sobre o que achei do lugar. geralmente respondo
com um elogio cínico e ainda coloco foto.

e como não falar das avaliações? eu fico lembrando daquela
conversa gostosa com o motorista do Uber que nunca mais vou
ver... pois alguns dias depois de nossa corrida ele levou a
namorada de 16 anos, grávida a Praia do Sossego e a matou a
pauladas para não magoar a esposa que estava em casa.

Rosângela Ataíde

não posso esquecer da agenda que nunca atualizo, mas
que me lembra datas importantes, como uma vez que esqueci meu próprio aniversário.
minha vida fica ali no Google Keep,
no Google Maps, no Google Calendar, no Google Fotos,
Drive, Blogger...
tudo na tela escrito em bits,
guardado em nuvens,
jogados no lençol branco
cheio de gozo, sangue, suor, ou sobre o mármore frio, vazio para não dar treta na memória ram.
nem meu analista sabe tanto de mim...
nem meu travesseiro e arrisco dizer que talvez nem eu consiga descrever esta essência louca, este bicho que vive nesta jaula que já está além de meu corpo.
está em apps do meu celular (nome esse bem apropriado).

ah, o homem e esta mania de expandir o corpo! isso já chega além pensamento... próteses do cotidiano. estou aprendendo a viver com isto!
quem sabe me adequa?

Sabemos

somar os afetos
ouvindo canções antigas,
contabilizar os corpos
organizados na coreografia da estação
enquanto se perde o trem
a nave.
viver traduz a soma de tantas vidas
e estamos enfileirados
uns grudados aos outros
sentados na arquibancada da luz
pelo sol que ilumina.
- às vezes o sol dá lugar a lua
que escurece o lado ofuscado do anfiteatro,
as vezes as estrelas
salpicam brilhos como vagalumes,
às vezes só há negrume
quando as cortinas encerram o espetáculo.
não dá para fugir
e inventar, e reinventar retornos, curvas
enquanto estamos ancorados um no outro
ainda que muros de orgulho nos desvie.

O Ser e o Nada

Preparar a noite
enquanto os pássaros em revoada
recolhem o sol.

Cai o negrume audacioso.
Aos poucos a histeria dos pneus
silenciam a avenida.

Vem uma lua que brilha no céu.
Tem estrelas fabulosas
cintilando o entorno da esfera azul.

Já é dia em Hanói!
E aqui escrevo palavras
que cabem em qualquer boca do hemisfério.

Quantas bocas silenciam a noite?
Quantas pedem socorro?

Aqui, em Hanói em Bangladesh,
ou em Beirute
alguma diferenciação quanto a angústia?

Seja lá onde estou...
A noite deveria trazer a fé.
Mas eu só tenho espera/nças
que nada movem.

Nenhuma estrela cadente,
cometa algum...
Um corvo de Odin se acomodou no meu peito
e com as artérias do meu coração
prepara um ninho.

Estou total!

Entregue como nunca antes, ampla, vasta em mim.
Já não sei diferenciar
o que de mim se perdeu

...ou o muito que se achou, ou mesmo o muito que me
acho.

É que estou focada e poucas são as coisas que me dis-
traem.

Talvez a fome, e a baixa pressão arterial, pelo calor dos
dias.

A vontade de demorar mais no banho frio, na cama, nas
viagens alucinógenas.

Ana em silêncio me observa pela janela de suas mãos. Eu
acho graça, Ana também me distrai,
pois sei que Ana me ama
e,
por isso, me devora silenciosa.

Já não me angustia o olhar de Ana sobre mim, ele se per-
de, entre tantos outros, mesmo embora creia piamente
que Ana seja desajustada e sem autenticidade, e eu me
atraia por almas perdidas como a de Ana... mas ela dirá
que é ciúmes, vaidade minha. Digo... É amor Ana, ele não
perdoa! Mas eu estou total.

Estou concentrada, na ponta dos pés, mantendo o equilí-
brio para alcançar o maxilar enrijecido,
a boca que me suga o corpo e alma.

Rosangela Ataíde

Pois estou total,
sem tempo até para minhas mazelas...
e como ter tempo para as loucuras da vida se, total, me
consome o amor do anjo encarnado de grandes asas que
se abrem para mim nas noites mais cálidas e nas frias?

Como ter tempo para a angústia, ou para a amargura se o
amor me devora e eu me arrisco ao lançar-me para dentro
dele? Sou puro amor agora e até me sinto egocentrada,
mas é assim o amor. Nos cega, nos consome e a gente se
doa. Se doa até que se dói e o amor esvazie

...ou não.

Amanhã já não sei se doerá, se irei me esvaír ou me con-
densar para desaguar após... não importa!
Se estarei tão cheia, ou vazia.
Oca.
Mas hoje, estou total!

o movimento de esquecer a repetição de lembrar

apaziguar o corpo vulcão
debaixo da pele
esquecer as feridas de fora
erosão / de dentro lava

o tempo erotiza
o que o viço não suporta
o cinza dos fios, o pó das unhas lixas
a voz tremida, que arrisca velhas e novas canções
o saber finito das emoções
o saber / o não saber
não importa o que sabem os intelectuais
não importa a ignorância dos tolos

o tempo nos torna mansos
domos

rasga a pele, arranca os cabelos
desfaz conceitos, virtudes
o tempo maltrata

mas traz na mão uma fita de cetim vermelha e de você faz
laço
de conhecimento...
o que esperar / o que dispensar

o tempo sara
com gotas de sabedoria
enquanto nos mata
a doses cavaleares de realidade

Um xis, Um it

há uma palavra
uma palavra quase moldura
de expressar sentimento
de formatar coisas
há um som quase inaudível
entre cada letra
um xis, um it, aquele sisssss
rudes palavras ferem
e são ditas a todo momento
por mais que apenas
as resmunguem entre os dentes
são ditas.

boas palavras são revigorantes
mas são partidas
quando ditas em despedidas
- de nada servem

há uma palavra para quase tudo
há um silêncio também
ambas as coisas arrebatam

há ainda um mistério
quando se desconhece
o que de fato devia ser dito
ou se finge de morto
para não cair de cara no chão

e sobre cair de cara no chão
explico:

é que algumas palavras
fazem das pernas estilhaços
é quando nossos joelhos tremem
e nossos passos desconjuntados
se perdem
pois não sabemos se controlamos
a caminhada ou as lágrimas
que querem insistentes descer
de nossos olhos.
pois nossos corações encontram-se
partidos

pensando bem
há uma palavra corpo
palavra feita de ossos,
tutano, saliva doce
e dependendo ela te arrebenta
ou te ergue como um mastro

há uma palavra que quero dizer
...mas acontece
que sempre que abro a boca
a vida me interrompe

leve leve

Soltar a âncora e ver o barco que parte
Deixar fluir no leito do rio a canoa sem remo
Baixar as velas
gravar no mastro um poema

Sobrevoar as margens e
com o bico desatar o nó de marinheiro
Pousar e bailar na areia fina com as garras de ave de rapina

Desgarrar o rebento do seio que alimenta
deixar livre
Ser leve e arrebentar ondas

Podemos no horizonte grifar as linhas de uma vida
Ou gritar no vasto campo as guerras das quais somos desertores

Quantas vezes desistimos da luta aos berros
Quantas vezes nos permitimos deixar o ego
e ser alma leve...

Até não sobrar nada da persona esquisita esquizoide
Aceitar o toque que acaricia nossa cicatriz
O vento suave sobre a a derme

...é como se ver caricatura de nós mesmos
e rir disso como fôssemos crianças novamente

Livres das amarras

Rosângela Ataíde

das bagagens
Meio hippies ou talvez ciganos

Não sei as respostas da vida
e penso em como seria
ter a inocência tatuada no peito

Mas poeta tem que ter nas veias a perdição
um misto de loucura
ser vadio
ser voraz...
A percepção da águia em vestes de pardais

Represa

tenho em mim todas as mulheres do mundo.
de certo muito de você que desconheço totalmente.

muito de você
que me conhece bem,
mas que percebe de você em mim
apenas um pouco,
talvez nada.
tenho em mim as mulheres parteiras,
as parturientes,
as mães, as virgens,
a mulher medicina, a bruxa.

me diga... sou a diabólica?
de certo não sou santa!
não acredito nelas.
acreditas?
sei que sou triste apenas.

por isso tenho em mim uma represa
que de tanta força,
exala um vapor de formar nevoeiro
e pouco se vê de consistente,
mas o consistente está debaixo de todo disfarce:
pó compacto, batom, rímel, base.

é que são tantas as mulheres que trago no gene...
cada fio de cabelo meu tem milhares delas,
cada lágrima vertida é lágrima de muitas,
o parto de uma é também o parto de todas,

Rosângela Ataíde

as que você vê por aí,
as que virão, as que se foram...

nas linhas de minha mão,
em meu sexo,
em minha íris!
todas as mulheres estão contidas no meu corpo
e todas nós pairamos no pensar
quando a lua se abre gigante sobre a Terra.

por essa força que somos,
faz de nós represas
que quando se rompe
arrasta cidade inteira,
toma forma de tudo que vê pela frente,
e se apazigua quando se derrama.

Faz silêncio

Pouco antes os pássaros em revoada partiram para lugares mais quentes.
As formigas desapareceram da pia, do quintal.
As abelhas não vieram me acompanhar no café da manhã.

Faz silêncio

Um silêncio meio oco,
de estremecer o corpo inteiro,
aquele de metas alcançadas,
de escola vazia após as 18hrs, sono sem sonho.

Faz silêncio

e o espaço se amplia.
Sabe quando a água acaba e falta luz no bairro à meia noite?
Quando zera suas expectativas do que virá do outro? De você?
Calem-se as ofensas!

Faz silêncio... Eu peço.
Não há doentes aqui, ninguém respira por aparelhos. É só um favor!

Faz silêncio minha mente povoada. Calem-se monstros, calem-se santos...
Calem-se querereres, dissabores.

Faz silêncio coração, ameniza teus batimentos. Estou ouvindo teu estrondo palpitante como caixa d'água vazia quando liga a bomba.

Faz silêncio

Preciso sentir este nada que sou,
este vazio sem fim.

O intervalo entre minha inspiração e o expirar.

Assim como um broto traz à tona o que chamamos vida,
apenas com um suave crepitar entre terra, folhas e água.

E o neonato... Teu filho! Que ao nascer, nasce silente e só grita após ser propelido ao mundo.

Faz silêncio

Como quem se entrega à morte...

Eu penso na morte, na morte das coisas, dos instantes - eles morrem quando chega outro instante, e nasce outro, e outro... Penso na morte dos que nos deixam em vida ou para a eternidade e fica a saudade. E o que é a saudade, além do silêncio do que não se viveu?

Faz silêncio vida!

porque tu és um poema

e escrevo-me em tuas entrelinhas,
eu tremo eu arrepio,
eu extinta trema, inexisto.

escrevo-me com cicatrizes de suturas,
tatuagens da vida.

escrevo-me como um corte cirúrgico na ferida cardíaca
expondo o que se tem dentro. por vezes o oco, um eco se
alguém gritar de susto.

porque tu és um poema debruço-me sobre ti e amparo
meu corpo despido,
minha respiração,
meu suor,
minha pálpebra marejada,
minha falta de lira...
minha ira?

e já que és um poema,
sussurras em meu ouvido às 4:15am
e não me deixas dormir antes de lavar-me das palavras
não ditas.

em verdade não sei se escrevo-me ou se rabisco-te vulgar-
mente, medíocre.

mas, como me fizeste chorar no primeiro respiro...
gritei ao parir os meninos,
entristeci no aborto da menina,

Rosângela Ataíde

morri no sepultamento dos olhos de mel.

ahh!

como tú és um poema,

bem sabes...

es-cre-vo-te-me,

mas nada nos define.

nem a ranhura de uma vírgula.

Povo em cárcere

Quem mandou matar o índio?
Quem mandou matar a feminista?
Quem mandou matar o gringo?
O indigente?

Quem mandou matar?

De fome, de sede, de doença, de assassínio?
À queima roupa,
bala perdida,
tiro de misericórdia no meio da nuca,
falta de oxigênio na viatura,
calibre 40 na chacina,
intramuscular de cloroquina...

Quem alinhou a mira?
Quem puxou o gatilho -
Na urna eletrônica apertou, confirma?

Quem foi que mandou te matar?
Quem foi que mandou matar a gente?

João e Maria

podemos correr o risco!
a claridade do sol abrindo trilha entre os espigões da cidade
queimando as retinas,
mostrando o caminho de nos aventurarmos rumo a uma estrada nus,
num carro conversível.

podemos correr o risco!
traçar a faca nos punhos, pacto de sangue - meninos.
traços finos de tatuagens toscas
coloridas que se complementam entre um corpo e outro,
o meu ao teu.
abrir sulcos entre palavras usando asteriscos.
eu me prometo... você se promete...

deixar nossos vestígios
por aí...
restos de fogueiras,
sêmen,
pelos pubianos em colchonetes de acampamentos... sabonetes?

correremos o risco, o traço, a linha,
o rastro que nos ata e desata o mundo inteiro de nós...
universos!

veja bem...

Rosangela Ataíde

começaremos meio punks, um pouco rajneeshs, hippies
quem sabe?
até nos tornarmos xamanistas numa selva onde ao invés
de bruxas,
deusas nos serviriam seus chás,
doces delírios.
e girassóis,
apenas os girassóis seriam nossas bússolas rumo de volta
à luz.

e quando a noite chegar a lua tornará prateada nossas
dermes,
para que não nos percamos nesta trilha vasta...
não, não, digamos nefasta de

...amar?
e amar,
e amar...

que arriscado isso de amar não é!?
estamos sós!

perdidos no vazio e não adianta gritar.

o amor se foi às 1:20 da manhã deste domingo.

...se alguém ama,
conserva teu amor quentinho.

vi o amor se esvair
como os 3 últimos cigarros de um maço vazio,

saiu pela porta no desbotar do lençol preto, 100% algodão
que desbotou nas tentativas de deixá-lo limpo do excesso
de uso.

agora, sozinha me pergunto onde vamos amparar nossos
corpos?
onde pousaremos nossas línguas
após as novidades do dia?
o que será da gente?

o que será das crianças quando o amor partir de malas
cheias?
e desde já eu peço perdão a elas...

– perdoem!?
eu não consegui segurara-lo,
não tive condições de mantê-lo,
eu tentei recriá-lo,

mas é I M P O S S Í V E L amor sozinho!

reconheço meu erro...
ele partiu exatamente quando deixei de crer nele e o ima-
ginei eterno, capaz de suportar os revezes da vida, mas o
amor é delicado, necessita cuidado.

o amor necessita, pede credibilidade e talvez não tenha-
mos nenhuma.

lamento o mundo sem amor, a ausência de mãos sobre-
postas, a falta de abraços, de empatia.

talvez ele volte, sabe?

Rosângela Ataíde

quem sabe se encontre uma solução para que ele retorne,
ou quem sabe algum resquício dele tenha ficado por aí,
uma migalha, uma semente talvez!

quem sabe se a encontrarmos, ela germine, e ganhe ramos,
e floresça, e crie outras sementes, e teremos uma
floresta em copas e o amor venha renovado, começaremos
de novo, amorosos, brilho no olhar, admiráveis!

é importante dizer uma coisa, e eu tentei omitir...
precisamos de amor para que perdure a vida. ainda não
aperfeiçoamos a criação em tubos de ensaio, ou afeto em
comprimidos.

lamento o ocorrido!

Inside

estou atenta ao meu corpo
cada curva
um fascínio
e alucino

meu coração palpita a 80bpm
minha respiração flui suave
quando
...me sacio

tem um misto de re/pulsa
tem um tanto de a-dor-ação
e ao tocá-lo
docemente me perdi

debaixo de minhas unhas:
delicadas peles soltas
que mordisco em horas de agonia,
carne que sangra,
resíduos de tudo que toco
e um cheiro agridoce
que invadiu minhas narinas
logo após

...tocar o emaranhado de meus cabelos que está
em confluência com minha nuca
colo, seio
e se estende à minha dorsal

estou atenta

até onde os fios correm,
me distraí
em meu mamilo esquerdo
por alguns minutos,
acabei quebrando meu dente
ao morder o lençol
na tentativa de abafar meu gemido
que ecoaria
e embora baixinho
acordaria os lobos uivantes do quintal

foi como uma inocente que descobri meus dedos
eles são longos e delicados
suas pontas róseas
quase transparentes contra a luz
eles se umedecem
e se aquecem quando com algum afeto
toco

...meu sexo

estou atordoada,
pois alguém da carne, do desejo
da ânsia de satisfazer...
da pele para dentro
neste interno “eu” que desconheço
e que crítico, reprovoo
condeno e amo

...me pre/conceito pessoa
me abstrato gente
me viro cinzas
me viro ausência de matiz

me enegreço
e é bom decorrer entre o nada
logo após

...ser gozo

atenta ao meu corpo
me desnudei ao ponto de entender
que do interno pouco sei
e do interno ainda quero descobrir
vazios de silêncios,
esse oco que adentra de minha boca
até o períneo e que sela
eu saco de ossos

e permite adentrar réstias de
o que gesto?
o que nutro?
o que parto?

alguma luz? cor?

descanso minha pena sobre a mesa
ví um substrato de palavra escorrendo em minha virilha
e sinto dores
digo mais logo após

...nascem o poema

a coisa It

havia o medo e era um medo danado.
e o medo era a coisa it,
daqueles de pensar sem saber o que se pensa e ainda assim gritar:

- estou morrendo!

- socorro!

e eu me agarrava ao medo, ele era tudo que eu tinha.

o medo era um anjo macabro, vestia máscara de palhaço,
com um riso de cabo a rabo me iludia.

eu me via meio esquiso/doida... alucinada.

ao invés de asas, ou mesmo de uma foice, trazia uma pistola de água
que deixava alerta à qualquer perigo
iminente. a morte à espreita, qualquer respingo gelado
no rosto, ele zombava de mim o tempo todo, e a coisa primeira em mim, foi-se esvaindo, despersonificando.

o movimento do corpo, um zumbido no ouvido direito,
uma tontura, um enjoo.

o coração acelerado, o estranho no portão, o assalto, o disparo!

a loucura era tamanha que uma vez senti um tiro dilacerar minha nuca antes mesmo de escutar o disparo que a cerca de 2 km de distância acertou um bandido... presenciar e sentir é caso grave.

o ar do mundo era todo vaporizado, sugado, contrito no meu peito, abafado e eu queria respirar e não podia. não tinha espaço.

mas o medo, o medo me protegia
me mantinha em uma zona segura
e não arriscava uma unha fora da prisão em que vivia. de tudo, a arma que tinha era a palavra, nunca dita, mas escrita, posta à mesa, salva em nuvem.

aos poucos, ficamos íntimos.
eu e aquele horror só saíamos de mãos dadas.
e um dia nos abraçamos em meio a uma análise. depois vieram outros abraços, acordos, concessões, estratégias, técnicas de respiração, mas foi e em um desses abraços, que tirei-lhe a máscara.

ele era feio doer e eu ri dele
na cara dura, ri de ficar às avessas, de descobrir a quão corajosa era de ficar ali, do lado daquele mostro medíocre.

foi então, que como um gangster
atrapalhado calçando sapatos largos, suspensório e calças curtas... ou um marido contrariado que foge para comprar cigarros, ele partiu in-dig-na-do.

o infeliz nunca mais me perdoou,
nem adeus disse.

se você não cuida, você flerta com ele e ele te devora e dorme de barriga cheia, bem alimentado.

Rosangela Ataíde

agora... experimente rir da cara dele!?
o medo é um covarde...
orgulhoso pra car@-alho!

a mulher que não sou

saboreia o cardápio com garfo, faca e às vezes hashi. segura entre os dedos guardanapos de linho, se delícia em creme de papaia com licor de cassis, vomita no banheiro tudo que ainda não digeriu, bebe Frangelico às 20hrs e enfim levita.

a mulher que não sou está farta sobre um salto 15, e dialoga com outros seres fartos em restaurantes com variados perfumes, sem cheiro algum de comida, um desperdício! lagostas, camarões, polvos perfumados a Dior ou Chanel n°5. enquanto disfarça a azeitona no canto da boca antes de descartá-la com a mão esquerda cobrindo o buço, a mulher que não sou, sorri educadamente sem alegria alguma. puro glamour!

a mulher que não sou se sente tão suja que se banha em espuma após esfoliar a pele com sal do Mar Morto e se deita em lençóis brancos de 300 fios, num quarto branco, de cortinas brancas, asséptico de tão branco, com temperatura controlada abaixo de 18° complementando a decor que a deixa ainda mais pálida.

a mulher que não sou leva uma vida em branco, onde o preto entra nas molduras dos eletrônicos, nos sonhos quentes de afeto, ou em fotos em efeito Black Paris. ela é quase uma ausência do que é ser, se ser é o que se faz nos intervalos da não existência, aquele momento em que se respira e sente o calor e a umidade do clima invadindo as narinas, mas ela em sua alienação esqueceu como se res-

pira e por isso vive ansiosa e com medo da vida, por isso ela, a mulher que não sou, já não existe. e não deve existir. desisti da pobreza de espírito a qual se agarrara. eu desisto dela! induzi ela a um coma profundo.

como pode essa mulher existir dentro de mim? como pôde se exibir desfilando sobre a desgraça achando que assim se salvava da miséria alheia, enquanto não escapa da própria?

a mulher que não sou está definitivamente morrendo e tenho a impressão de que ela nunca existiu, de tão inútil que ela talvez tenha sido.

meu amor, preste atenção: se digo inútil é que ela se permitiu ser servida numa bandeja como uma refeição a ser consumida... dentes à mostra, filete de sangue no canto do olho esquerdo, seios ofegantes assombrados nas noites torpes. se banhava tanto que se esvaiu junto aos saís pelo ralo.

a mulher que eu sou

é muito mais complexa...

quer entender o mundo em que respira, usa havaianas pretas, adora pijamas e dorme em lençóis pretos de microfibra, se coça por conta das pulgas que sua gata pegou no telhado do vizinho.

a mulher que eu sou ama e odeia,

se vê dentro dos teus olhos, meu amor... não me vê? eu enfim existo. descobri que nos intervalos me dignifico e dignifico outras que miro.

ela geme quando está miserável ou não alcança a memória de uma palavra que quer exprimir em seus escritos sob a cama cheia de farelos de biscoitos maizena e calor. ela chora, garoa pela pele inteira, às vezes ela é orvalho quando se precipita em contato com coisas frias... de tão nebulosa se esconde dentro de minha íris,

está semicerrada dentro de meus lábios, e quem entra nela... se vê num labirinto.

porém, a mulher que sou está exposta em carne, líquidos e ossos... é etérea nas palavras em que à denuncio.

enfim, a mulher que sou vive um momento Buda, o momento agora, este que escapa, mas que quer sentir total cada átimo de instante, que pausa o respirar e observa o vazio

...a mulher que sou,

a mulher que sou

está cheia de vida e é livre.

O medo que dá

reflito
o cotidiano insano
oferecido a lá carte.

do medo que bate a porta de nossas sensações quase afetando a derme.

a não aceitação de ser miúda,
me torna imensa enquanto submersa no pavor diante das negativas de viver.

o que eu temo de real?
seria a humildade que me apequena,
o baixar as vistas ao que não compreendo,
o abalo sísmico no meu corpo
quando alterado meu estado de consciência
eu tremo,
eu arrepio,
eu desmaio?

a voz baixa quando quero liberar o grito!
eu temo o efeito, sabe?
o bater asas da borboleta.
o carteadado desmoronando.

eu temo o incerto, tudo aquilo que não vejo e não é palpável.

porque o que compreendo eu encaro de peito aberto.
já que minha teimosia é minha vilã e por vezes minha amiga...
muito maior que minha pequenez diante do medo.

vampirescos

a noite que cala os exaustos,
não cala
os insaciáveis

a noite que ronca,
a noite que ventila/dores
em quartos escuros, cortinas cerradas...

na noite de velas vazias,
de poleiros petrificados,
de extenuados canis

se faz em gritos
aos loucos atentos,
aos de pele e carne
atribulados
que piscam os olhos arenosos

a noite destes
não cala nem por uma distração

reverbera vertigens
pálidas
em gélidas faces úmidas e
ruborizadas pelo
tic tac das horas
sem fim

geniais, singulares
mortais ou não,

os pertence as letras
o vinho, os narcóticos,
o entorpecer que os afaga

e se raiar o sol
o resquício noturno
dissolve
as arestas,
o pavor de se olhar
as olheiras no espelho retrovisor

a noite não cala
para os que tem sede de sangue,
olhos de vidro,
supercílios arqueados,
os que vestem preto

mas

...isso não é sobre os cruéis
ou sobre selvageria,
nem sobre pneus deslizando
asfalto, rachas das madrugadas

isso é sobre/humano,
é boemia
ou pode ser mal de prosa não dita
pode ser de poesia essa gente,
pode ser de amor!

nada cala diante desses
angustiados da alma

materna

gesto um corpo, em meu corpo outrora parido.
gesto a vida dentro de minha vida, que não cabe...
mas logo que parido o feto, logo após,
esquecerá de meu útero.
caso não esqueça e queira voltar, o saberei triste.
e se em mim não cabe tanta vida...
imagine a tristeza de um ser parido.

nosso estranho amor

ele é estranho,
mas como o amo,
e já o amara antes,
eu perdoo a estranheza dele.

entenda...

digo que já o amara
pelo renovo do amor
de quando o amor é fresquinho
e se refaz em algumas ocasiões,
e renasce novo, porém resistente.

também me digo estranha,
não me recomendaria...
e ele perdoa minha estranheza
sucessivas vezes....

por amor?

por cansaço de me ver voltar
e começar tudo de novo?
estaria ele cansado?
ele o sabe.
ele o sabe, e sabe do vazio,
e sabe da saudade que sente,
sabe dos passos subindo a colina.
não sei se já te falei isso que quero dizer aqui,
o amor às vezes morre,
e volta porque é amor, ele volta.
não como um fantasma que assola,
não como um zumbi sem alma,
sim, como um reencarnar de histórias não resolvidas

que se impregnam no quarto,
na pele, ou quando nos damos as mãos,
ou entrelaçamos os pés.

a nossa estranheza se revela na ansiedade
de capturar mundos diferentes, indizíveis.
porém vos digo em parte:
tem uma mulher estranhamente partida,
um homem estranhamente partido,
em suas divisões, se perdem
no absurdo que é se perder no outro,
de quando as partículas de seus corpos se misturam, ou
por tristeza.

nada de se completar, isso é cretino demais para o amor.

fel e carne é o que somos.
ambos contaminados pelo excesso de nós,
pelo cansaço dos sons antigos,
pelo ruído da mandíbula que mastiga;
o ciúme na tela plasmada;
as mensagens perdidas;
é aí que o amor que reclama a perdição,
perdoa, e retorna,

e se faz ansiosamente amor.
e por sua beleza, por sua estranheza,
nos acompanha, belo.
se estamos cansados, ou abastados dele...
o amor o sabe, e insiste.
...eu acho que é isso, o amor é estranho como nós.
por isso nós o perdoamos.

Holly Deus

“Daí me deu um medo, mas Deus estava lá do meu lado”

Eu fico pensando Deus solitário sabe?

Com toda essa tristeza que o mundo carrega, com cada lágrima que compartilhamos com Ele. Que fardo!

Imagine sentir todas as dores do universo, cada choro de mãe, a cada chuva pesada arrastando seus filhos ladeira abaixo, os soterrando, cada luta perdida... e não ter com quem contar, nem mesmo com a própria Criatura?

Deus deve ser um cara triste.

Mas fico pensando em Deus feliz também, sabe?

Quando nasce criança, quando o dia é de festa. E o homem consegue ser grato por alguma coisa supérflua...

Tipo seu carro, seu time vencer a copa... Ou ainda as coisas importantes:

o nascimento!

a demarcação de terra dos povos indígenas,

ou a assinatura de um novo tratado da humanidade em prol do meio ambiente.

A explosão de uma supernova.

Nessa hora consigo imaginar Deus um cara alegre, leve, que em até educado, e imagino até o sorriso dele.

Eu ficaria feliz se pudesse me deitar aos seus pés e compartilhar com ele algum de seus momentos. Mesmo que de olhos vendados, só presença.

Mas Deus é um cara solitário.

Os anjos estão ocupados e o Diabo dorme na terra do fogo.

E o homem na maioria das vezes é filho ingrato.

Senti Deus hoje. Ele não disse nada, mas abriu uma asa enorme sobre meu corpo.

Apenas um rio

De certo que a loucura chegará a mim nos dias de ócio.

Eu sei...

Ela já não me espanta com seus ares de rebeldia, de quando a cabeça pesa de tanto pensar nas coisas que ferem e acabo falando sozinha enquanto preparo a refeição.

De certo ela me tomará em tormenta, e só peço ao bom Deus que me tire a memória para que meu ego não seja tão açoitado pela vergonha, quando gritar e chorar sentada ao chão.

Não quero lembrar deste lábio que me beija, se tenho filho menino, quantos eu pari, quantos sepultei.

Nenhuma memória de reuniões familiares entre amigos, justo que os de sangue há muito me deram as costas, ou talvez por indício dessa loucura, eu é que me afastei.

Não quero lembrar as mãos pequenas e cheirosas do neto que ainda não tenho, ou do dia que chorei no altar diante de minha nora.

Certamente a demência me cairá como uma luva e não chorarei mais ao ver o velho cansado de pé no coletivo enquanto o jovem se esparrama sentado com seu fone de ouvido e olha a paisagem.

Certamente me aguarda a ala da psiquiatria, os banhos de sol no jardim, um tinteiro, algumas telas, as terapias

musicais e talvez eu aprenda algum acorde no violão manicomial.

Talvez a loucura chegue inesperadamente arrastando minha lucidez ao extremo e eu não a perceba, aí já não sei se terei memórias para esquecer... pois certamente ela fará com que me amarre a alguma pedra e mergulhe no rio, no mesmo rio de folhas castanhas mortas, de águas verde musgo, onde meu corpo castanho, cada vez mais castanho se tornará o rio, salobro como minhas lágrimas.

E não haverá mais lágrimas e sim, apenas o rio.

Mercúrio retrógrado

a palavra casca de noz
difícil de quebrar sem ferir o dedo.

mas as letras insistem
adentrando num paralelo
entre pensar e expressar...
sem comunicar absolutamente
nada, ao desatentos.

elas insistem!

parecem palavras moscas
de tão sujas
palavras ocas
baratas
saindo dos bueiros
das podres bocas.

vez por outra
encontra-se uma palavra âncora
sem mistério algum
nos prendem a ela
uma palavra bandeira branca
hasteada por equívoco.

e se é verdade
que a mente está não reativa
a palavra dita
diz muito do que a mente omite.

a palavra ato falho
dita quase sem querer
uma palavra à contragosto.

Mercúrio empacado
me faz lembrar
uma palavra escrita nas estrelas

estou tentando lembrar...
qual é mesmo?

está na ponta da minha língua...

Divino

Daí pensei em Deus,
e, se eu queria ser Deus
e se eu também ajudei a matá-lo.

Daí pensei no ofício divino,
pensei na minha preguiça
de ser eu mesma...
De acordar às 8
e voltar a dormir,
De embromar a vida
empurrando tudo com a barriga...
Na minha caligrafia torta,
mas bem formatada.

Daí pensei...
Deus não dorme,
Deus não dá ponto sem nó,
Deus escreve certo...
Deus tarda...

Às vezes acho que Deus é delivery,
e que me serve
a cada promoção que crio
e que nem dou conta de usufruir

Uma vez falei com Deus
e pensei em Deus só,
perdido na imensidão
e deve ser por isso
que ele se tornou trindade, mas acho que não funcionou.

Deus só tem a nós!
O ofício de Deus é igual ao de Sísifo.
Será que um dia ele se liberta?
É possível pensar Deus feliz?

Não, não quero ser Deus
E eu não matei ninguém!

Será

A minha atenção está redobrada,
minhas pupilas dilatadas
Eu estou com um grande pavor
de não ser nada

Será que estou aqui?
Será que estamos?

Hoje me senti miúda,
quase nada

“Quase” porque eu estava vendo meu corpo e o tocando e
eu estava quente e... úmida
Mas as mãos...
geladas

Daí lembrei de meus arquivos e pensei “eu sou bem grande”

Eu tenho este corpo sabe?
esta pele que me veste
esses olhos que me despem
os líquidos que todo o corpo de mulher expelle
uma textura
tátil
...eu estou sentindo
Você me sente?

Tenho temperatura
aqueço
Ahhh...
Estamos aqui sim!
Tenho quase certeza disso

palavras despidas

são nuas amor
as palavras que te digo,
não trajam apelos,
vestidas estão de suor
e cicatrizes

são nuas
como minha língua
que escovei
antes de dizê-las

são nuas amor
minhas mãos
quando tocam as tuas,
despidas da base cetim
que não mais uso

são nuas até do medo
de tocar
feridas,
de abrir e revelar
segredos,
mentiras

nu
meu corpo em suplicio
quando penetrado...

tenso se doa
e se expande, e se contrai,

e se alivia em êxtase,
sente dor,
e goza

nuaas minhas intenções...
nuaas de expectativas,
a saber, apenas
efêmero nosso amor,
que já vejo nas dobras
esquinas da vida

Habitada

olho atenta a margem desta nota em bits,
o ponteiro pisca - alguma letra?

nela não cabe quase nada do que sinto,
do que penso, ou do que digo em face.
apenas uns versos que alinho
ao entendimento do que é viver,
poesia sem rima alguma.
falta de espaço

meu sangue ferve nas veias
minha mente se revira em vórtices
nos caminhos que poderia seguir
e por teimosia nem insisti.

vagueio entre nuvens

nenhuma palavra bastaria hoje
- fúria, agonia -
não são medidas...
mas descabidas
rotas que levam onde não sei.

eu sou educada
até quando me oferecem o fel na bandeja
e ainda bebo lentamente.
exclamo em alguns versos
a fera louca que me habita e quer sair

de certo poderia mudar o tempo

o clima desagradável,
evitáveis talvez.

está tudo torto,
mas nesta nota
fica tudo formatado, bonitinho
aos olhos de quem lê

...se é que temos tempo.

e se chover, o provedor cair,
alguma tempestade solar alcançar a Terra...
não se preocupe.
esta nota esquecida
será limpa na memória cache
ao desligar o processador.

ROTA DOS DESEJOS JUVENIS

a lua pálida sorria
pela fresta da janela entreaberta,
[linda!

eu desejava
estar despida feito a lua
para o sol

as estrelas
piscavam a noite
no negrume do céu
[num Ballet incandescente de luzes refletidas

e eu desejava
a incandescência das estrelas

o mar,
o mar tem ousadia
que encanta o sol,
[o mar tem outros portos
e eu desejava tanto em outros portos
atracar meu corpo

e eu desejava
um véu entre o mar e o sol...
um veleiro de 4 mastros!
e desejava deitar
meu corpo lua
brilhante estrela
nos portos que se elevassem ao sol

e amar, e amar
e amar...

e me despi
entre meus desejos
e dejetos

e me perdi
 e não me acho mais
 e não me encaixo mais
 e não vibro mais
 nem uma nota ou frequência Hertz

estou neste chão, entre nós
grãos de areia

 se me achar não devolva
 estou dando um tempo...
 fazendo uma profunda limpeza
reparando os estragos do tempo

A Mulher Adulterada

entre meus dedos

...o devir alquímico das ideias
insolúveis à água

a arte com a qual
atravesso teu olho
teu esôfago
teu peito
teu coração sagrado

a palavra que perfura e
penetra
vaza na derme
e transborda
coroa de espinhos
traição, mentiras

- pesa!?

mas não é pedra preciosa
é só pedra,
desses granitos baratos
ainda em forma bruta

talvez lhe sirva como mármore
esculpido, se vê
alguma coisa útil
belo?
talvez não sirva para nada

mas a mim

salva

contudente
a palavra sem moldura
exposta em qualquer tempo
canto
sem preço, pois não cobro por ela
sem prazo de validade
surge para alegrar o dia

para salvar o mundo

para desaguar minhas mazelas
você se encontra às vezes com ela
bate papinho,
rola uma conversa, entendimento
negação e até raiva
tem hora que você não entende nada
- saca?

tem hora que desisto dela
de você
de meu amigo
e quando ocorre acontecer isso
me sinto insana
mas tão insana
que ao redor só vejo rio
e escorro de encontro ao mar

me ajuda?

traga as palavras todas de volta
jogue-as em meu colo
me apedreja
sem importar se pecas
ou se és o Santo que parte para o madeiro
deixa que me viro com elas

tende piedade!
não me cales
que venham as pedras dos fiéis

sem as palavras
estou correndo perigo
e eu morro olhando
minha impureza
meu sangue entre as pernas

sem arte
eu me afogo nele
e Você sai impune

...

até que o véu se rasgue
e Você vá ao inferno buscar Judas?
veja bem!

a fraqueza de hoje, pois estou triste

escrevo sobre as sobras do cotidiano
enquanto prendo os cabelos que teimam o desalinho.

o poema tem pressa
mas tem que ser formatado
dentro das alucinações que crio
em meu mundo alegórico,
tão cheio de arquétipos.

o poema quer ser parido
e eu preciso expelir
este amontoado de palavras
entaladas na garganta,
por isso fico calada
quase um ostracismo.

eu durmo em posição fetal
por dias
até que não reste nada aqui.

nada além de palavras insanas
e dela surja alguma poesia,
ou algo similar
que possa conter o monstro sedento
que habita em mim.

Jenipapo com Carvão

morri agora
sentiu o impacto?

um tiro estilhaçou minha nuca
não sei ainda o autor do disparo
não sei o calibre que dilacerou minha carne

você sabe, você viu?

estava sentindo a água gélida do riacho envolvendo meus
pés
dissolvendo o urucum e o barro de minha pele
quando doeu
doeu profundamente meu ouvido
meu corpo

parei de sentir agora

não sinto nada
além da força de meus ancestrais
e do espírito da grande floresta
ao meu redor
ainda consigo captar
os pássaros debandando por conta do estampido ecoando
na mata

percebes? os pássaros, o estampido?

é território meu
é de meu povo

não sei há quanto tempo
pois a história se perdeu
mas é meu é nosso...
e querem tirá-lo de nós
há muitos séculos

desde que chegou
a catequese, o massacre
o garimpo, o tráfico, a expansão daquilo que chamam
agronegócio

muitos dos meus morreram
milhares...
violentados
incinerado, à mercê da vontade
dos homens santos

acredita, você crê?

não queremos santos não
entendeu?
não precisamos do Agro

em nossos corpos usamos de adorno
penas pela força sagrada de termos sido guerreiros
tintas da terra por nossos ritos sementes por nossa força
e saúde
...são nossas joias
são nossas crenças

nossa medicina vem da mata e o homem branco só nos
traz doenças que nos aniquilam
morri agora

Rosângela Ataíde

mas sigo forte junto ao sagrado espírito da floresta conti-
nuando a luta pelos meus
e pela preservação da mata
vou gritar pelos urros dos animais
o crepitar dos galhos serão meus passos
brilharei na bioluminescência das folhas
nas úmidas madrugadas

você ouvirá de todo canto nosso grito

meu cocar deixo sobre a cabeça de minha filha

“desperta guerreiro!”
ouviu?

é o sagrado nas matas que me chama
traçarei junto ao sagrado o caminho vermelho da Paz.
vermelho!

a Paz não é branca, como pensa o homem branco. Branco
é o preconceito e o racismo que nos mata.
branco é a cegueira incurável da maldade santa.

eu grito com o vermelho de meu sangue tingindo o
afluente no qual jaz meu corpo
mas meu espírito despertou neste momento.

O homem encapsulado Ou Pobre homem escravo

Nunca pisa o chão da terra este homem.
Vaga, talvez em plataformas, não ouve bem, nem enxerga,
nunca sobe em árvores...
Não flexiona a vida ao corpo terrestre,
não flui como um rio, tempera a água de seu banho entre
morno e quente, não conhece o choque gélido de uma ca-
choeira.

Este homem dimensiona o ser e estar cronologicamente.

Em seu ato de vida,
que este homem se prolonga em seu Chronos,
o homem encapsulado não sabe o que fazer com o tempo
que escapa, escorre... um homem ampulheta.

O homem encapsulado divide
a vida no que se chama tempo, horas, minutos...
não soma biologicamente, talvez quando procria, quando
defeca, quando urina e de certo quando morrer e se de-
compor.

O homem encapsulado ao morrer, talvez prefira ser cre-
mado e mais uma vez em uma capsula, dentro de uma
urna...
talvez, sejam lançadas ao vento,
suas cinzas.

O homem encapsulado precisa correr numa esteira... talvez, acorde e corra em direção a caminhar na areia da praia.

Talvez, veja um peixe agonizando com um canudo travado entre as guelras e nade para salvá-lo...

enquanto há “tempo”.

O homem encapsulado, não vê o outro, é o homem casulo... Talvez ele rompa as camadas de casca que o envolve e tente não voar, pois ele não tem asas.

Mas decida sim, apenas pisar descalço na Terra e semear a vida, sem o lixo das cápsulas às quais ele se fez servo.

Nesse dia este homem, terá domínio sobre a vida, sobre seus sonhos e enfim, se tornará, mais humano, o rei da Terra.

Porém este homem, casulo, cápsula, ampolheta...

tem apenas 3

dos anos de seu tempo,

para impedir que a produção massificada de suas cápsulas, e acessórios,

causem danos irreversíveis em sua casa.

Este homem não é uma utopia.

Utopia é se adaptar numa triste vida de ovo, enquanto o mundo acaba por teus feitos.

amor

hoje descobri
o amor é uma fonte de água
e nos atravessa

nos perpetua
quando dessa fonte
doamos vida
sêmen
placenta
- transbordamos

ele, o amor
nunca vem sozinho
vazio de expectativas

mesmo o amor incondicional
que tudo aceita
mesmo o amor condicional
com suas barreiras
ambos nos exigem
nos invadem

seria a aniquilação do amor
o não sermos dignos dele?
e como o edificamos?

através do tempo
ou da beleza que transgride?
- e não falo de simetria
falo do que nos arrebatava de mais essencial no outro

através de uma permissão
- me atravessa com esse teu eu que me cativa?

fora do amor estamos secos
áridos
fincados em afazeres sem propósitos
para o nada do apenas - existo
e sobrevivo

é que o amor nos domina
nos rouba a alma
que é dado ao outro
como espia
...amor é sacrifício

quem que diante do amor
o mais puro e incoerente
não atravessaria o mundo e seus oceanos
mesmo que o interno?

é isso que fazem os antissociais
quando amam
é isso que fazem os sociáveis
também
é exatamente isso

cercamos os líquidos
os represamos
e toda gota que nos escapa
afoga

não existe amor com sede
tente beijar uma boca arenosa

oca

o beijo,
que nos penetra espera de nós
saliva
dança
algum suor
o coração bombeando

tente penetrar um sexo seco
não haverá gozo
nem ao menos seios erigidos pela irrigação das zonas
erógenas
nesse caso
talvez o perverso se farte
mas ele não ama

não estamos em tempos de amores líquidos
pois este sempre foi úmido
e quente

não sei se sou digna do amor
mas neste momento
eu sou um rio
a espera desse atravessamento

serei
arreatada
certamente
pela simplicidade de um sorriso
ou de uma mão
sobreposta à minha

GIRAMUNDO - pedra lascada

ei!

o leite acaba
derrama, derrama
jorra até que seca.

e agora, quem vai limpar
toda essa sujeira, tudo isso que você sequer precisa?

quem vai limpar os restos
a crosta que só sai com o punho enquanto as mangas se
ocupam de possuir a escassez do outro? teus escravos sol-
tos!

sou eu?

a que o leite doou,
ou você acredita que o Maná caiu do céu? te digo filho que
essa é uma apropriação indébita divina do que de minhas
entranhas saiu.
eu te dei o Maná não por 40 anos, mas desde que você
surgiu.

a cidade derrapa nas vias das multidões que evoluem
para o precipício.

cruel, a fome que sacio enquanto e você joga o excesso do
que é produzido no lixo.
teus irmãos estão com fome... tem gente com fome. mas a
mesa é farta.

Rosângela Ataíde

aquele gado fadado a morte nos abatedouros... olha bem
nos olhos dele, é você, não sou eu...
que ficarei intacta,
quando você se for.

ah humanidade!

atente ao fim.

seus bens, sua exuberância animal, sua limitação de ver o
todo da vida te aniquila. você morre acoplado a máquina
enquanto brinca de Deus.

volta correndo para a caverna filho.

afie a pedra, esqueça o sonho americano, europeu.

caso contrário te digo, em breve limparei a crosta,

com muita água e após

vou liberar metano.

é quase inexistente esta forma de vida

é quase vazio estar aqui
ancorada neste prato de comida às 3hrs da tarde,
de um março no calendário, no calor do Rio de Janeiro

a correnteza quer me arrastar
e me alongar
e me apaziguar
mas tem um liame que me segura
ao invés de uma âncora, justo que não estou no mar!

é quase um útero a vida
os cardumes passam por aqui
em seu balé incessante e,
passam baleias,
sardinhas
e já não temo
os tubarões brancos
afinal estou em terra firme

as aves comemoram
o sol,
a chuva,
os que se perdem dos cardumes
- são aves de rapina

tudo é alimento na vida
e tudo é preparo para a morte,

e eu falo muito sobre

Rosângela Ataíde

ainda assim,
às vezes preciso gritar
cravar as unhas em meu próprio antebraço
- uma mulher insana!
eu puxo meus cabelos
mas a realidade só me caí
quando tropeço na proa imaginativa
e ralo os joelhos

não tenho tempo para enlouquecer, agora

eu sinto náuseas em terra firme,
você me entende?

porque
é quase inexistente esta forma de vida

prefiro sentir
o vai e vem das ondas,
as variações de seus tamanhos,
o medo quando elas se agigantam
e parecem uma língua de tragar barco inteiro

não estou no mar,
não estou no rio tampouco tenho remos e,
não estou em nenhuma BR a 160km por hora

é que me olhei agora pouco no espelho que estava ali
(desses de armação abóbora, de homem fazer barba)
e vi a mulher entre minha testa e queixo
comecei a suar frio, quase tive uma crise de pânico
notei entre algumas poucas linhas e vi que estou na vida

Rosângela Ataíde

mas

é quase intangível

- pode parecer triste, mas não é, sou grata por ver até...

apenas é fato tudo isso que digo

é quase inexistente esta

forma

é quase inexistente

é 'quase

poesia mínima

com o olhar languido
que cubro por armação barata
de camelô de Alcântara...

reviro poemas nulos
que desacredito serem poemas.
- não por falta de lirismo
- nem por falta de rimas ou idioma
na ponta da língua.

poema tem que dizer coisa,
tem que transmitir sangue,
transfusão de sentimentos,
cores que significam...
azuis de tristes;
pretos de lutas e lutos;
vermelhos de paixões e guerras;
amarelos de tolices.

o poema nulo
é aquele poema branco,
meio hóstia que não purifica nada,
se não confessa antes.

e debaixo da lente de plástico,
contraindicada, eu digo...
eu busco um poema
que condene,
que abra as vistas
como sopro de mãe
quando cai cisco.

via íris

tudo aqui é
uni/verso

ainda que seja
reverso
meu pensar
as perspectivas
dos anos
que variam

em minha íris
constelações ganham rostos
e eu miro o céu noturno
para identificar
semelhantes
ou algo dos semblantes que se apagam

mesmo a parca lembrança
do traço
que não quer saltar e
e em meus olhos
provoque uma cegueira
de autossabotagem
pois além do que se vê
há efeitos colaterais
que inconscientes
provocamos
no corpo
que a todo custo
dribla o que o mata

cada ser
multiverso
adverso
a própria existência

mira minha íris

e não se apegue a tristeza
ao redor dela
eu sei que o entorno seduz
com um timbre
uma derme
um perfume
um pedido de socorro
e um sorriso que engana

mira minha íris
dentro dela

e se como eu
você observar constelações

eu saberei que esta angústia
não está me enlouquecendo
e sim que a poesia me entorpeceu
ao ponto de me desvelar
por inteira
em involução

e de me compreender expansão
universal
além das estrelas
que meu limitado aparato de enxergar

me permite ver

mira minha íris

você pode se encontrar dentro dela
ou quem sabe se perder

Matamos o amor.

Eu estive observando debaixo deste calvário
as suas poucas vestes,
o sangue escorrendo enquanto
ele agonizava silente.

E eu queria salvá-lo,
dar-lhe de beber o néctar da vida,
descortiná-lo até o caos, para resgatar os imperfeitos dentro dele.

Soar palavras de encanto enquanto
minha língua deslizasse sobre tua orelha
e estes espinhos fossem minhas unhas dilacerando suas
penas brancas, tão cheias de Paz.

Mas matamos o amor.

Ali no alto daquela colina,
provavelmente por covardia.

Antes de matar o silenciámos ao extremo
Mas o amor foi insistente...
ele sobrevive em paisagens tranquilas
e até a dura inércia dos dias tolos.

Sim, matamos o amor por medo,

já que o medo promove a falta de fé
e a desconfiança seca até os pântanos da emoção.
O contrário de fé deveria ser pedra já que embrutece
qualquer peito. E todos traem diante da desconfiança.

E ainda sobre o medo...
Creio que não exista nada que corrompa mais os seres.

O medo te leva a abrir o coração e até as pernas a qual-
quer ordinário quando não se quer ficar só, frente ao des-
nudar de uma alma inquieta mesmo que a tua.

Eu tenho medo agora, e não acredito em nenhum coração
benevolente que queira me apertar sobre um dorso abra-
sado e lábios igualmente cálidos.

No final é tudo carcaça que o tempo apodrece.

O amor morreu e não sei o que fazer agora.
Se ele ressurgisse dentre os mortos eu também tocaria
suas feridas a fim de saber da veracidade dele.